

EDUCAÇÃO SUPERIOR E TRABALHO: Avaliação das Condições
de Trabalho de Graduados em Carreiras Selecionadas

Ismael Carlos Oliveira.
CNRH/IPLAN/IPEA
Abril, 1985

I. INTRODUÇÃO

O crescimento expressivo do número de matrículas e de graduados do ensino de nível superior do Brasil nos últimos decênios deu-se paralelamente à expansão da classe média alta entre os anos cinquenta e setenta, e, notadamente, no período 1968/74.

A partir de 1973/74, com a queda do ritmo de crescimento da economia brasileira, entretanto, a função preparatória ou de treinamento do ensino superior passou a incorporar aspectos de supereducação ou de sua recíproca, a subutilização de graduados no mercado de trabalho, embora ainda sem privilegiar objetivos menos diretamente relacionados com o mundo do trabalho como o de preparar pessoas para pensarem criticamente e viverem melhor em sociedade^{1/}.

Baseando-se em uma pesquisa do Projeto "Centro de Sondagem Conjuntural" (CAPES-INEP/MEC), o presente relatório objetiva analisar diversos aspectos do ensino superior relacionados com o mercado de trabalho, no intuito de contribuir para o melhor entendimento desse importante segmento do sistema educacional brasileiro.

1/ - J. Velloso, Educação, Ensino Superior e Trabalho, Departamento de Educação, UnB, 1984, mimeo; Educação e Trabalho, Coleção Universidade e Indústria, Monografias, Instituto Euvaldo Lodi, ONI, 1982, pp. 171-174; A.C. Xavier e R. Tramontin, "Perspectivas do Ensino Superior no Sistema Educacional Brasileiro", in Segundo Seminário Internacional de Pesquisa Institucional, Natal, 1978. Centro de Estudos em Administração Universitária-CENTAU/UNICAMP.

2. OFERTA E DEMANDA DE PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR NO BRASIL

A subutilização de graduados do ensino superior no mercado de trabalho brasileiro pode ter-se agravado a partir do final de 1920 quando a queda no ritmo de crescimento dos anos anteriores cedeu lugar à crise econômico-social que persiste até hoje. No ano de 1980 já pareciam ser evidentes problemas de supereducação: o número de pessoas com cursos completos de todos os graus de instrução passa de 12,4 milhões de pessoas em 1960 (25,4% do total de pessoas com 10 anos ou mais de idade), para 41,2 milhões de pessoas em 1980 (46,9% das pessoas de 10 anos ou mais).

Mesmo em se considerando a grande taxa de urbanização naqueles 20 anos e o fato de que as oportunidades educacionais são maiores na zona urbana, é interessante verificar que o número de pessoas com ao menos o curso elementar de ensino aumentou a uma taxa anual de 6,2% no período 1960/1980, enquanto a população economicamente ativa teria crescido à taxa média anual de 3,3% no mesmo período (Tabela 1).

Por outro lado, nesses vinte anos e, posteriormente, nos últimos cinco anos, a estrutura econômica e os perfis setorial e ocupacional da força de trabalho também passaram por grandes transformações. Mas, de forma nenhuma o crescimento da demanda de profissionais de nível superior acompanhou o aumento da oferta de graduados do ensino superior, da ordem de 10% ao ano no período 1960/1980, que, por sua vez, suplantou com grande folga o aumento do que genericamente é considerada como a produtividade da economia: nos anos sessenta e setenta a renda real per capita dos brasileiros aumentou cerca de 4,5 ao ano.^{2/}

^{2/} Solmon e Gomes Pereira utilizam o indicador "número de graduados por dólar do PNB per capita deflacionado" que é equivalente à comparação aqui realizada das taxas de crescimento de graduados e da renda per capita. Ver L.C.Solmon e A.G.Pereira, "Universidade e Trabalho nos EUA", Forum Educacional, (FEV, Rio de Janeiro), Ano 4, nº 3, jul/set 1980, pp.45-77.

TABELA 01

BRASIL: GRAU DO CURSO COMPLETO DAS PESSOAS DE 10 ANOS OU MAIS E POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) TOTAL E NÃO AGRÍCOLA - 1960/1980.

GRAU DO CURSO COMPLETO	MIL PESSOAS			TAXAS DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL - %		
	1960	1970	1980	1960/70	1970/80	1960/80
Elementar	10.074	14.790	26.506	3,91	6,01	4,96
1º Grau	1322	2633	7417	7,13	10,91	9,01
2º Grau	726	1975	5426	10,53	10,63	10,58
Superior	288	541	1873	6,51	13,22	9,81
S O M A	12.431	19.939	41.222	4,84	7,53	6,18
Pessoas com 10 anos ou mais	48.840	65.868	87.805	3,04	2,92	2,98
PEAL Total	22.750	29.557	43.235	2,65	3,88	3,26
PEA não Agrícola	10.924	16.248	29.610	4,05	6,18	5,11

FONTE: IBGE - Censos Demográficos.

* Inclui os sem declaração de grau de instrução.

Os dados disponíveis sobre matrículas e egressos do ensino superior corroboram as informações anteriores sobre o crescimento na área de humanidades,³ de forma a terem-se estabelecidas as condições para a ocorrência de excesso de oferta educacional relativamente ao mercado de trabalho: comparando-se a proporção dos graduados de ensino superior que exerceu ocupações de níveis médio e inferior,⁴ observa-se um possível aumento dos requerimentos para contratação de mão-de-obra, não necessariamente relacionados com avanços tecnológicos e com aumentos da produtividade e dos salários dos trabalhadores (Tabela 2).

O grande aumento daquela proporção entre 1970 e 1980, apesar das pequenas diferenças de conceitos nos dois anos, coincide com a elevada expansão do número de graduados do ensino superior nos anos setenta. Destes, mais de um décimo permaneciam, como há dez ou vinte anos, fora do mercado de trabalho, enquanto dois décimos se ocupavam em cargos de níveis médio e inferior.

A impossibilidade de exercerem as funções para as quais tecnicamente haviam sido preparados representa uma situação concreta de subemprego não apenas para os graduados da área de humanidades oriundos de escolas particulares isoladas, supostamente as menos capacitadas técnica e financeiramente para a adequada formação de profissionais para o mercado de trabalho. Também expressivas proporções de médicos, químicos e biólogos oriundos de renomadas universidades públicas e particulares consideram-se subjetivamente subutilizados em seus empregos, conforme pôde-se-á verificar a seguir neste relatório.

3/ MEC/SG, Retrato Brasil: Educação, Cultura, Desporto, 1970-1990, Volume 1, Brasília, 1984.

4/ Pessoas fora da PEA, pessoas que exerciam ocupações burocráticas ou de escritório de níveis médio e inferior, e os trabalhadores da agropecuária, da indústria, do comércio e dos serviços. Para 1980 inclui ainda os que procuravam trabalho e os que ocupavam cargos auxiliares das ocupações técnicas, científicas e afins.

TABELA 02

BRASIL: PESSOAS COM ESCOLARIDADE SUPERIOR QUE NÃO EXERCIAM OCUPAÇÕES TÍPICAS DE NÍVEL SUPERIOR 1960/1980^{a/}

PESSOAS COM CURSO SUPERIOR COMPLETO	MIL PESSOAS			PARTICIPAÇÃO - %		
	1960	1970	1980	1960	1970	1980
<u>Pessoas que não exercem ocupações de nível superior</u>						
População Economicamente Ativa	27	53	407	9,3	9,8	21,7
Não Economicamente Ativa	39	69	215	10,6	12,7	11,5
Subtotal	66	122	622	19,9	22,5	33,2
TOTAL DE PESSOAS COM CURSO SUPERIOR COMPLETO	292	541	1873	100,0	100,0	100,0

NOTA: a/- Pessoas fora da PEA, pessoas que exerciam ocupações burocráticas ou de escritório de nível médio e inferior, e os trabalhadores da agropecuária, da indústria, do comércio e dos serviços. Para 1980 inclui ainda os que estavam procurando trabalho e os que ocupavam cargos auxiliares das ocupações técnicas, científicas e afins.

FONTE: IBGE - Censos Demográficos.

Ainda mais, como o conceito de subutilização é subjetivo, isto é, trata-se da resposta afirmativa a um quesito formulado,⁵ não representa surpresa o fato de que a maior proporção de subempregados esteja entre os médicos, graduados do curso que exige a maior dedicação dos estudantes entre os cinco pesquisados.

3. MERCADO DE TRABALHO PARA EGRESSOS DE CARREIRAS SELECIONADAS

O estudo sobre o mercado de trabalho para egressos do ensino superior baseia-se em pesquisa integrante do Projeto "Centro de Sondagem Conjuntural" (CAPES-INEP/MEC), realizada por 49 Instituições de Ensino Superior de quase todos os Estados brasileiros.⁶

A pesquisa foi realizada em 1983 abrangendo os egressos de escolas públicas e particulares da região Centro-Sul e os graduados de universidades federais da região Norte-Nordeste. Constitui-se afinal de cerca de 7800 informantes dos cursos de Biologia, Medicina, Química, Pedagogia e Administração. O levantamento desses dados, através de um formulário preparado conjuntamente pelas instituições participantes e baseado em levantamentos-piloto realizados no Distrito Federal e em Alagoas,⁷ foi organizado na forma de envio/entrega para os graduados daquelas áreas nos anos de 1972, 1975, 1978 e 1980, e posterior retorno/coleta dos questionários preenchidos. Estes foram criticados, codificados e transcritos para arquivos de dados pelas próprias Instituições de Ensino Superior participantes em cada região.

5/ O quesito foi o seguinte: "Dada minha formação e experiência considero-me 'subempregado' ou 'subutilizado' no meu trabalho".

6/ F. Spagnolo, "A Pesquisa 'Mercado de Trabalho para Egressos do Ensino Superior' - Metodologia", CAPES/MEC, 1985 mimeo.

7/ Ibidem.

O desenho do questionário permite a análise de diversos aspectos dos graduados das áreas pesquisadas, entre os quais se destacam a trajetória dos egressos entre a escola e o mercado de trabalho, inclusive suas origens sócio-econômicas, e a natureza da inserção e da permanência desses profissionais no mercado.

3.1. Algumas Características dos Graduados

Os dados aqui apresentados da pesquisa CAPES/INEP de egressos do ensino superior objetivam dar uma idéia sobre as características gerais dos graduados, embora sem a intenção de traçar um perfil exaustivo dos universitários brasileiros.

SEXO

Coerentemente com a caracterização feita por Spagnolo,⁸ os resultados a seguir mostram uma maior concentração de pessoas do sexo masculino nos cursos de Medicina e Administração. Ao contrário, nos cursos de Biologia, Educação e Química, a maioria dos graduados pertence ao sexo feminino:

Percentagens de mulheres segundo o ano de formado e o curso

ANO DE FORMADO	BIOLOGIA	MEDICINA	QUIMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
1972	67,4	19,3	27,6	94,6	15,0
1975	79,8	28,2	60,5	93,8	22,6
1978	76,5	39,2	49,2	93,5	31,6
1980	85,5	41,9	58,2	94,9	30,4
T O T A L	79,9	32,9	52,0	94,1	26,7

⁸ F. Spagnolo, "Caracterização do Aluno de Ensino Superior", CAPES/MEC, 1985, mimeo.

Não por acaso, os cursos mais voltados para o magistério são os que concentram o maior número de mulheres, com exceção do curso de Química. Administração e Medicina são áreas menos procuradas por mulheres, embora tenha sido bem maior a proporção de médicas e administradoras nas amostras de 1978 e 1980, comparativamente às de 1972 e 1975, sinal de que a participação de mulheres está aumentando nas profissões que antes praticamente só eram exercidas por pessoas do sexo masculino.

IDADE

A distribuição dos graduados por faixas de idade mostra, conforme se esperava, maior concentração de jovens entre os egressos de Biologia, Medicina e Química:

	<u>% de graduados na faixa de</u> <u>20 a 34 anos de idade</u>
Biologia	81,9
Medicina	76,7
Química	87,3
Educação	47,7
Administração	65,7

A idade dos graduados certamente terá tido influência nas razões para escolha do curso, na experiência do primeiro emprego e na execução de trabalhos remunerados durante a realização do curso. Educadores e administradores, mais idosos relativamente aos biólogos, médicos e químicos, foram os que, na escolha do curso, mais assinalaram motivações relacionadas com trabalho que tinham. A idade também teria relação com o estado civil e com o turno frequentado na universidade. No caso do estado civil, a percentagem de solteiros entre os educadores e administradores seria menor comparativamente aos outros três cursos. Isto de fato ocorreu, embora os médicos tenham apresentado a menor proporção de solteiros entre os cinco cursos. Quan

to ao turno freqüentado, e correspondentemente à escola de graduação, os resultados também se mostram coerentes: pedagogos e administradores teriam sido os com maior proporção de graduados do ensino noturno particular, ao lado dos biólogos.

ESTADO CIVIL

Não existem diferenças marcantes entre os cursos relativamente ao estado civil, variável, de resto, altamente relacionada com a idade. Por causa disto, os químicos apresentam a maior proporção de solteiros, seguidos dos biólogos:

	<u>% de solteiros</u>
Biologia	39,3
Medicina	23,1
Química	40,5
Educação	29,2
Administração	23,8

Os médicos, entretanto, relativamente mais jovens que os administradores e educadores, foram os que apresentaram a menor proporção de celibatários. Os educadores, ao contrário, com a maior participação de pessoas com mais de 34 anos de idade, acusaram a terceira maior proporção de solteiros.

As motivações para realização dos cursos de médicos e educadores talvez expliquem essa aparente contradição. Por outro lado, as condições de trabalho de ambos, ligados ao fato de que talvez o curso de Medicina tenha um caráter mais terminal do que o de Educação: estes não se sentiriam propensos a constituir família por sentirem-se inseguros quanto ao futuro, mesmo depois de concluírem seus cursos de Pedagogia e de conseguirem ou melhorarem sua posição no mercado de trabalho.

OCUPAÇÃO DO PAI

Quanto à origem sócio-econômica, medida por um agregado em três níveis hierárquicos das ocupações informadas^{9/} para os pais dos graduados, sendo o primeiro correspondente às profissões científicas, técnicas e artísticas de nível superior, proprietários, diretores e gerentes de empresas, parlamentares, funcionários públicos superiores e diplomatas; o segundo abrangendo as profissões científicas, técnicas e artísticas de nível médio, chefes intermediários da administração e da produção, corretores, bolsistas e estagiários; e o terceiro, os trabalhadores agrícolas, da indústria, comércio e serviços, pode-se notar que, com exceção dos químicos, todos os demais profissionais possuíam mais da metade do número de pais no grupo de mais alto nível:

OCUPAÇÃO DO PAI	% sobre o total				
	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
Grupos Ocupacionais					
SUPERIOR	51,4	63,7	49,6	52,1	58,4
MÉDIO	23,5	19,2	22,7	19,5	17,6
INFERIOR	25,1	17,1	27,7	28,4	24,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Obs.: Excluídas ocupações não declaradas e inativas.

Os graduados de Medicina, por outro lado, são os que aparentemente, teriam apresentado a menor mobilidade intergeracional (36,3% dos pais com ocupações de nível médio e inferior). Entretanto, os médicos e os químicos - estes com quase 50,4% de pais com ocupações de nível intermediário e inferior - apresentaram os maiores índices de mobilidade social, medida pela relação entre as proporções de graduados e de pais com ocupações de nível mais elevado.

^{9/} - A distribuição das ocupações informadas pelos três níveis hierárquicos, de acordo com a própria estrutura da classificação Brasileira de Ocupações, pouco difere da hierarquização de Hutchinson/Gouveia utilizada em outros relatórios sobre a pesquisa CAPES/INEP. De modo geral, a hierarquização baseada exclusivamente no CBO superestima o nível mais baixo de ocupação, o que, isoladamente, pouco afeta as conclusões sobre a mobilidade intergeracional, que é o aspecto mais importante aqui tratado sobre os níveis ocupacionais.

Embora não se disponham de informações sobre a qualidade da ocupação de nível superior dos pais, relativamente à dos seus filhos graduados, é significativo que os administradores não tenham apresentado muita mobilidade intergerencial: a proporção dos que exerciam, em seu emprego atual ou mais recente ocupações de nível superior era de 60,2% para os formados em Administração (58,4% dos seus pais):

	% de ocupações de nível superior		
	<u>Graduados (1)</u>	<u>Pais (2)</u>	<u>Relação (1/2)</u>
Biologia	61,6	51,4	1,20
Medicina	97,5	63,7	1,53
Química	92,4	49,6	1,86
Educação	72,2	52,1	1,39
Administração	60,2	58,4	1,03

Entre as cinco áreas pesquisadas, o resultado apresentado pelos graduados de Educação contradiz em parte, a expectativa de que nesta carreira seria relativamente mais difícil a obtenção de um "bom" emprego, notadamente em época de retração do mercado de trabalho. No entanto quase 20% dos graduados de Educação, cujos pais tinham ocupações de níveis médio e inferior, lograram obter empregos de nível superior (logo abaixo dos 43% de químicos e dos 34% dos médicos).

Os resultados globais indicam que o acesso aos cursos pesquisados e a inserção provável em ocupação de nível elevado não é privilégio da maioria da população. Nessas áreas, fica evidente que o fenômeno da elitização do ensino superior merece ser melhor avaliado. Se a ocupação de nível superior dos pais dos graduados, e deles próprios, está relacionada à maior remuneração e poder de influência na sociedade, os cursos de Química são os que oferecem, proporcionalmente, as maiores chances de ascensão social.

Sob outro ponto de vista, à luz dos resultados de testes de aderência (χ^2), os graduados de Educação e Administra

ção com pais ocupando cargos de nível superior têm maior probabilidade de exercerem, também, ocupações de nível superior (Tabela 3).

O mesmo não se dá com os egressos das três outras carreiras: a inserção numa ocupação de nível superior independe da ocupação exercida pelos pais dos graduados de Biologia, Medicina e Química. No caso de médicos e químicos tratar-se-ia ainda de ocupantes de carreiras com as maiores oportunidades econômicas não somente pela elevada proporção destes graduados em cargos de nível superior, como também pela supremacia de seus índices de mobilidade intergeracional.

Comparando-se a distribuição dos níveis hierárquicos dos pais dos graduados de nível superior com a estrutura ocupacional dos pais de egressos dos níveis mais baixos de instrução^{10/} ou com a distribuição da PEA pelos níveis hierárquicos pode-se observar a diferente composição social da clientela de nível universitário do sistema educacional. Isto, além de refletir o fenômeno da elitização do ensino superior no Brasil, ainda representa a luta inglória de alguns poucos para contornar as barreiras à instrução universitária, pois os graduados com pais de ocupações manuais inferiores concentram-se nos cursos de menor prestígio, como pedagogia, e nas escolas isoladas particulares.

ESCOLARIDADE DOS PAIS

Embora também considerada uma medida da origem sócio-econômica dos graduados, o nível de escolaridade do pai e da mãe dos informantes não apresenta, entretanto, a mesma relação já descrita para o nível hierárquico da ocupação dos graduados e dos seus pais.

10/ C. Moura Castro et alii, Custos e Determinantes da Educação: O caso de Brasília. Programa ECIEL, Rio de Janeiro, 1978, mimeo. Ver também F. Spagnolo, "Caracterização do Aluno de Ensino Superior", op.cit., e C. Gomes, "Educação e Trabalho: a perspectiva sociológica", PUC/RJ, 1985, mimeo.

TABELA 03

NÍVEL HIERÁRQUICO DA OCUPAÇÃO DOS GRADUADOS E DOS SEUS PAIS.

OCUPAÇÃO DO PAI (Níveis Hierárquicos)	OCUPAÇÃO ATUAL OU MAIS RECENTE DOS GRADUADOS (Níveis Hierárquicos) ^{a/}									
	BIOLOGIA		MEDICINA		QUÍMICA		EDUCAÇÃO		ADMINISTRAÇÃO	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
1	81	50	715	24	55	04	575	179	489	269
2	38	22	219	04	26	01	201	81	124	105
3	38	26	197	01	29	04	269	142	169	142
χ^2	0,21 ^b		5,38 ^b		1,61 ^c		15,65 ^d		13,84 ^d	

NOTAS: a/ - Níveis hierárquicos conforme texto, sendo 1 (superior), 2 (médio), 3 (inferior).

b/ - Aceita-se a hipótese de independência entre as variáveis ao valor crítico de 5%.

c/ - Teste não conclusivo.

d/ - Rejeita-se a hipótese de independência: é maior a proporção de graduados com ocupação de nível superior e pais também com ocupações de nível superior.

Conforme se observa a seguir, existe pouca relação entre o nível superior de escolaridade do pai da mãe dos graduados com o acesso aos cursos pesquisados: entre 8,4% e 22,1% dos pais e entre 2,9% e 9,1% das mães possuíam curso superior completo:

% dos pais com curso completo

	<u>Superior</u>		<u>Colegial</u>	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Biologia	12,6	4,3	18,4	13,3
Medicina	22,1	9,1	16,0	20,3
Química	13,4	5,0	12,6	11,8
Educação	8,4	3,1	10,0	11,1
Administração	11,9	2,9	12,6	13,7

Essas proporções eram maiores, entretanto para os graduados de Medicina e Biologia que concentram também, o maior número de pais e mães com curso colegial completo. Não existe evidência de relação entre o nível de instrução das mães e a graduação nos cursos de Educação, nem mesmo quanto ao curso secundário daquelas.

Existe, obviamente, uma grande distinção entre nível superior de instrução e ocupação de nível superior dos pais, certamente pela presença neste grupo de ocupações de grande número de proprietários, diretores e gerentes de empresas, muito mais frequentes do que os profissionais universitários.

Nesse sentido, e para as cinco áreas pesquisadas, a realização de cursos no ensino superior deve ter servido mais para confirmar e justificar a posição que os graduados naturalmente ocupariam por herança. Por outro lado, a expansão da oferta de cursos universitários nas últimas décadas e o aumento da

demanda de graduados, pelo menos até o final dos anos setenta, contribuíram para aumentar a proporção de graduados em ocupações específicas de nível superior, inclusive no magistério de segundo e terceiro graus.

Além de serem, em geral, maiores as proporções de pais com ocupações de nível superior, comparativamente ao nível de escolaridade (superior) desses pais, os níveis de instrução dos pais e mães parecem ter relação com a ocupação atual dos graduados apenas para os egressos dos cursos de Administração (Tabelas 4 e 5). Excetuando-se o caso dos graduados de Química, cujo teste foi inconclusivo, para os biólogos, médicos e pedagogos a instrução de pais e mães não parece determinar a inserção do graduado em um ou outro grupo ocupacional. Em outras palavras, em um país que sofreu profundas transformações nos últimos trinta anos, não é de se estranhar a ausência da imobildade intergeracional observada nos países de economia mais avançada.

Aqui, entretanto, a mobilidade entre gerações deveria ser melhor entendida pelo lado da demanda - expansão da economia e concentração da renda que beneficia praticamente todos os tipos de profissionais de nível superior - embora alguns aspectos da oferta de graduados possivelmente tenham influência no sucesso ou insucesso profissional dos egressos do ensino superior, como o tipo de curso escolhido, a escola e o turno frequentado, a oportunidade para realizar cursos de especialização ou de pós-graduação, entre outros fatores.

3.2. Trajetória Curso/Trabalho

Uma fração razoável dos graduados pesquisados já trabalhava durante o curso. Muitos, principalmente das carreiras de Educação e Administração, declararam ter escolhido o curso por que já exerciam atividades relacionadas ou semelhantes. Essas questões, juntamente com a análise do primeiro trabalho após o curso, que representa a primeira experiência em termos profissionais para a maioria dos biólogos, médicos e químicos, serão consideradas a seguir.

TABELA 04

NÍVEL HIERÁRQUICO DA OCUPAÇÃO DOS GRADUADOS E NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS SEUS PAIS

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PAI	OCUPAÇÃO ATUAL OU MAIS RECENTE DOS GRADUADOS (Níveis Hierárquicos) ^{a/}									
	Biologia		Medicina		Química		Educação		Administração	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Analfabeto, Primário Incompleto	34	22	214	06	19	01	306	134	206	157
Primário Completo	63	29	341	03	45	03	394	155	248	201
Ginásial Completo	17	11	149	05	19	01	141	51	104	63
Colegial Completo	28	19	178	08	11	04	104	41	108	56
Superior Completo	15	17	249	07	16	00	100	21	116	39
χ^2	4,88 ^b		6,67 ^b		9,63 ^c		8,33 ^d		22,76 ^d	

NOTAS: a/ - Níveis Hierárquicos conforme texto, sendo 1 (superior) e 2 (médio)

b/ - Aceita-se a hipótese de independência entre as variáveis ao valor crítico de 5%.

c/ - Teste não conclusivo.

d/ - Rejeita-se a hipótese de independência: é maior a proporção de graduados com ocupação atual de nível superior e pais com ginásial completo ou mais.

TABELA 05

NÍVEL HIERÁRQUICO DA OCUPAÇÃO DOS GRADUADOS E NÍVEL DE ESCOLARIDADE DAS SUAS MÃES

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DA MÃE	OCUPAÇÃO ATUAL OU MAIS RECENTE DOS GRADUADOS (Níveis Hierárquicos) ^{a/}									
	Biologia		Medicina		Química		Educação		Administração	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Analfabeto, Primário Incompleto	38	20	217	06	28	01	326	133	198	172
Primário Completo	73	39	391	11	41	06	459	163	309	223
Ginasial Completo	19	21	189	04	21	02	110	51	130	50
Colegial Completo	20	14	233	03	14	00	113	47	118	60
Superior Completo	07	04	101	05	06	00	37	08	27	11
χ^2	4,47 ^b		3,87 ^b		4,20 ^c		4,76 ^b		23,39 ^d	

NOTAS: a/ - Níveis hierárquicos conforme texto, sendo 1 (superior) e 2 (médio).

b/ - Aceita-se a hipótese de independência entre as variáveis ao valor crítico de 5%.

c/ - Teste não conclusivo.

d/ - Rejeita-se a hipótese de independência: é maior a proporção de graduados com ocupação atual de nível superior e mães com escolaridade ginasial completo ou mais.

Se a estas respostas, agregadas no subtotal, forem acrescentadas outras alternativas como incentivo da família ou amigos, maior facilidade para ingressar no curso e menor custo para realização do curso, as motivações relacionadas ao mercado de trabalho podem chegar a mais de 90% das respostas.

A alternativa "adquirir conhecimentos específicos" não implica necessariamente em relação direta com o mercado de trabalho, apesar da grande proporção de respostas dos graduados de Medicina, Biologia e Química. Destes, entretanto, um número significativo de biólogos e químicos esperavam, com o curso, maiores oportunidades no mercado, ou assinalaram que já exerciam atividades relacionadas ou semelhantes.

Conforme anteriormente aventado, os administradores e os educadores foram os que proporcionalmente mais responderam sobre promoção no emprego que já exerciam, assim como, também, que escolheram realizar os cursos de Administração e Pedagogia por já exercerem trabalhos relacionados. Maiores oportunidades no mercado de trabalho esperavam principalmente os químicos e administradores, enquanto os que frequentaram a universidade para aumentar sua cultura geral representam maiores parcelas dos educadores e biólogos, não por acaso talvez, os que já estavam ou pretendiam ingressar no magistério, além de serem carreiras que concentram maiores proporções de mulheres.

TIPO DE INSTITUIÇÃO E TURNOS

Embora haja uma certa concordância entre os estudos do ensino superior de que os cursos noturnos seriam, em regra, menos eficientes, não parece haver certeza quanto ao tipo de instituição de ensino superior: existiriam bons e maus cursos tanto em escolas públicas como nas particulares.

A excelência de um curso universitário também poderia ser medida pelas qualidades individuais dos universitários ou, de certa forma, pelas suas origens sócio-econômicas e pela qualidade das escolas primária e secundária que frequentaram. Por outro lado, a maior ou menor realização na carreira deveria ser medida por fatores subjetivos como o grau de satisfação quanto ao curso realizado e a ocupação (emprego exercida, e por aspectos objetivos como o número de horas trabalhadas e a remuneração recebida pelos graduados. Ainda mais: em um mercado de trabalho em crise, paralelamente à retração da atividade econômica nos últimos anos, algumas carreiras teriam sido atingidas mais que outras. Entre todas as carreiras, notadamente dentro dos cursos mais disseminados como Educação e Administração, provavelmente se concentra um maior número de graduados exercendo ocupações dificilmente classificáveis como "bons empregos", apesar do curso universitário que possuem. Mesmo que não se considere, ainda, todos os aspectos assinalados, parece evidente a associação entre cursos diurnos em escolas públicas e a mobilidade ocupacional intergeracional. Como foi visto anteriormente, os graduados em Medicina e Química foram os que apresentaram maiores índices de mobilidade ascendente. Essas duas áreas concentram a maioria dos egressos em universidades públicas e cursos diurnos (mais de 83% dos egressos de Medicina e mais de 63% dos graduados em Química).

	% sobre o Total	
	<u>Universidades Públicas</u>	<u>Cursos Diurnos</u>
Biologia	41,6	80,0
Medicina	83,9	99,2
Química	63,0	91,6
Educação	51,8	57,4
Administração	45,1	14,9

Mais da metade dos graduados de Biologia e Administração são egressos de escolas particulares. Desses, mais de 85% dos administradores frequentaram cursos noturnos, mas 80% dos biólogos, ao contrário, os cursos diurnos. Para ambas as carreiras notaram-se baixos índices de mobilidade entre os graduados e seus pais quanto à ocupação de nível superior exercida por uns e outros.

Dessa forma, o tipo de instituição de ensino superior parece ter influência na imobilidade intergeracional de biólogos e administradores em termos da ocupação exercida. Menos daria para inferir sobre os turnos de frequência dos cursos. É possível, entretanto, que a satisfação dos graduados com os cursos realizados e com a sua ocupação atual guarde melhor relação com o tipo de instituição em que estudaram e com o turno que frequentaram.

Os testes de aderência realizados mostraram, em geral, que os graduados de universidades públicas estudaram em cursos diurnos; exceção significativa foi a ocorrência de egressos de turnos noturnos de universidades públicas nos cursos de Educação e Administração (Tabela 6). Os graduados de Medicina estudaram em turno diurno de universidades públicas e particulares, e em escolas particulares, assim como os de Química em turno diurno das universidades. Mais de 10% dos biólogos, educadores e administradores graduaram-se em turno noturno de escolas particulares isoladas.

REALIZAÇÃO DE OUTROS CURSOS

Mais da metade dos respondentes (55%) realizou algum tipo de curso, além do curso de graduação informado. Os administradores, com menores proporções de mestres e doutores, são, entretanto, os que mais realizaram outros cursos universitários:

TABELA 06

TIPO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E TURNOS FREQUENTADOS

TIPO DE INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	TURNO FREQUENTADO									
	BIOLOGIA		MEDICINA		QUÍMICA		EDUCAÇÃO		ADMINISTRAÇÃO	
	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno
Universidade Pública	106	00	965	08	69	06	455	295	160	425
Universidade Particular	92	25	96	00	40	04	322	89	23	495
Escola Isolada Particular	06	26	90	01	00	00	54	232	11	184
χ^2	101,67 ^a		0,90 ^b		0,04 ^c		250,59 ^d		129,06 ^e	

NOTAS: a/ - Rejeita-se a hipótese de independência: cursos diurnos são usuais em universidades públicas e cursos no noturno nas isoladas particulares.

b/ - Teste não conclusivo: praticamente todos os cursos são diurnos.

c/ - Aceita-se a hipótese de independência entre as variáveis, exclusive as escolas isoladas particulares.

d/ - Rejeita-se a hipótese de independência: as universidades públicas e particulares concentram cursos diurnos, enquanto as escolas isoladas particulares os cursos noturnos.

e/ - Rejeita-se a hipótese de independência: as universidades públicas concentram os cursos de turno diurno e as universidades e escolas particulares os cursos noturnos.

OUTROS CURSOS CONCLUÍDOS	% sobre o total (alternativas assinaladas)					Total
	Biologia	Medicina	Química	Educação	Administração	
Outro curso universitário.	16,6	4,7	15,6	18,7	22,9	15,2
Curso de aperfeiçoamento.	23,9	48,4	28,0	24,9	25,7	33,0
Curso de especialização.	28,0	69,6	29,0	33,7	21,1	42,9
Mestrado.	6,9	5,4	4,4	2,7	1,9	3,7
Doutorado.	2,1	1,3	0,7	0,6	0,3	0,8
Nenhum outro curso	54,1	26,7	48,3	47,2	67,2	45,3

Como não há informação sobre a época de realização de tais cursos não se sabe se o "outro curso universitário" representou uma alternativa a um mercado de trabalho desfavorável como poderiam ser os cursos de pós-graduação.

Os médicos, conforme se esperava, foram os que menos realizaram outros cursos universitários, mas, em compensação, foram dos que mais realizaram cursos de mestrado e doutorado, juntamente com os biólogos, e cursos de aperfeiçoamento e especialização.

Pela baixa participação dos cursos de mais longa duração e que, em geral, demandam dedicação exclusiva (menos de 4% em média para o mestrado e inferior a 1% para o doutorado), a realização de cursos de pós-graduação não parece ser alternativa para o ingresso tardio desses profissionais no mercado de trabalho.

TRABALHO DURANTE O CURSO

Cerca de 27% dos graduados não informaram a ocupação que erciavam durante o curso: não estavam trabalhando, não informa

ram ou declararam o exercício de ocupações mal definidas. Desses, os médicos (59,3%), os químicos (37,5%) e os biólogos (28%) foram os que acusaram as maiores proporções de inativos economicamente. São também, coerentemente, os que, em sua maioria, declararam ter realizado cursos diurnos. A execução de um trabalho, mesmo que informal ou não remunerado, é mais difícil para aqueles que estudam durante o dia.

TRABALHO DURANTE O CURSO	% sobre o total					
	Biologia	Medicina	Química	Educação	Administração	Total
TRABALHARAM	72,0	40,7	62,5	87,9	89,5	72,9
<u>Grupo Ocupacional</u>						
Superior	23,8	14,1	26,0	26,5	25,4	22,4
Médio	48,2	26,6	36,5	61,4	64,1	50,5
NÃO TRABALHARAM	28,0	59,3	37,5	12,1	10,5	27,1
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Ao contrário, apenas 12,1% dos educadores e 10,5% dos administradores afirmaram não terem trabalhado durante o curso. Grande parcela dos egressos de Educação (56,9%), entretanto, realizaram cursos diurnos, sinal de que, neste caso, a realização de curso universitário pode ser simultânea à execução de trabalho de natureza econômica. Um grande número de egressos de Educação (maior proporção entre as cinco áreas) também afirma ter realizado o curso por razões relacionadas ao trabalho que exerciam.

Quase um terço dos que trabalharam durante o curso exerciam ocupações classificadas no grupo superior de técnicos, proprietários, diretores e gerentes, com destaque para os químicos (41,6%). Mas a menor parte (69% dos que trabalharam ou 50,5% do total de graduados) desempenhavam trabalhos de nível médio, compatíveis com sua condição de estudantes universitários.

Salvo, entretanto, os casos de bolsistas e estagiários, alguns graduados podem ter respondido que exerciam trabalhos de nível superior durante o curso, quando na realidade não o faziam, ou mesmo quando não exerceram qualquer trabalho de natureza econômica. Por causa disso, a proporção dos que foram classificados no grupo ocupacional superior deve estar superestimada. Para sanar, em parte, este problema, foram excluídas do grupo de nível superior e do total, os graduados de Biologia que afirmaram ter trabalhado como biólogos durante o curso, da mesma forma que os médicos de Medicina, os químicos de Química, os técnicos de administração de Administração, os professores do segundo grau de Educação, e os professores de ensino superior de Biologia, Química e Educação. Com esse procedimento, foram também eliminados, infelizmente, os casos de graduados que frequentaram cursos universitários para legitimar suas posições no mercado de trabalho.

TEMPO DE PROCURA DO PRIMEIRO TRABALHO

As informações sobre a procura de trabalho após a conclusão do curso universitário, discriminadas por ano de conclusão, mostram que os formados mais recentes demorariam mais tempo para encontrar trabalho.^{11/}

Entretanto, observa-se que uma menor proporção de graduados de Medicina demorou mais de seis meses para ingressar no mercado de trabalho:

TEMPO DE PROCURA (1º trabalho)	% sobre o total					Total
	Biologia	Medicina	Química	Educação	Administração	
Até 6 meses	59,6	74,6	57,3	51,6	60,4	67,8
Mais de 6 meses	43,1	25,4	42,7	48,4	39,6	32,2
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

^{11/} - Ver item 3.5, a seguir.

Para as demais áreas, as proporções não variam muito, com exceção da de educadores para os quais o ingresso no mercado de trabalho foi um pouco mais demorado. Levando-se em conta, entretanto, as parcelas significativas de biólogos e administradores que ainda desempenham proporções de nível médio, é de se supor que suas expectativas como graduados de nível superior eram ou acabaram sendo reduzidas em troca de uma rápida colocação no mercado de trabalho.

PRIMEIRO TRABALHO APÓS O CURSO

Após a conclusão do curso universitário, a distribuição dos graduados pelas ocupações dos níveis hierárquicos altera-se bastante, notadamente para médicos e químicos. Entretanto nota-se alguma dificuldade para a inserção nos cargos de nível superior para os biólogos, educadores e administradores:

TRABALHO APÓS O CURSO	% SOBRE O TOTAL					
	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO	TOTAL
TRABALHAVAM	87,3	91,3	84,0	93,6	93,2	92,0
<u>Grupo Ocupacional</u>						
Superior	41,6	89,0	68,4	55,2	43,8	62,3
Médio	45,7	2,3	15,6	38,4	49,4	29,7
NÃO TRABALHAVAM	12,7	8,7	16,0	6,4	6,8	8,0
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No caso desses profissionais, a dificuldade parece ter sido em obter rapidamente promoção nos empregos que ocupavam ou troca imediata por melhores colocações, pois foram os que assinalaram as maiores proporções de graduados que trabalharam durante o curso.

Calculando-se um indicador simples de ascensão profissional pela relação entre as participações dos que ocupavam cargos de nível superior antes e logo depois de formado observa-se que apenas os médicos (6,31) suplantaram a relação média de 2,78. Por outro, os químicos (2,63) não obtiveram relação tão elevada como pareceria à primeira vista, já que ela foi pouca coisa superior às dos educadores (2,08), biólogos (1,85) e administradores (1,72).

De qualquer forma, a conclusão do curso superior representou uma etapa importante na carreira de todos os graduados, pois cerca de 40% deles vieram se somar aos poucos mais de 20% que já exerciam cargos de nível mais elevado durante a realização do curso.

Conforme já se afirmou antes, as ocupações de nível superior listadas no grupo hierárquico mais elevado não incluem apenas os cargos para os quais se exigem diploma universitário. Entretanto, a posse do diploma permitiu que a maioria dos graduados passasse a ter uma ocupação econômica, mesmo que a meta de deles ainda permanecesse em cargos de nível médio.

A ascensão de alguns profissionais deve, entretanto, estar superestimada por causa dos casos anteriormente referidos de grande número de profissionais que declararam terem desempenhado durante o curso as ocupações para as quais estavam se preparando. Como se viu, esses casos foram eliminados da tabela anterior. Se fossem considerados como se de fato exercessem aquelas ocupações, a proporção dos graduados que se somaram aos que já exerciam cargos de nível superior seria pouco mais de 33% para todos os graduados, mas, mesmo assim, bastante elevada para médicos (60,8%) e químicos (38,5%).

3.3 - Trabalho Atual ou Mais Recente

Relativamente ao emprego ou ocupação atual ou mais recente, os educadores e administradores conseguiram melhorar sua posição. Os biólogos não o fizeram de forma significativa: mais da metade destes permaneceram em cargos de nível médio ou não estavam trabalhando.

TRABALHO ATUAL OU MAIS RECENTE	% SOBRE O TOTAL					
	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO	TOTAL
TRABALHAVAM	88,8	91,4	86,6	93,6	94,0	92,5
<u>Grupo Ocupacional</u>						
Superior	47,7	90,4	74,5	66,6	53,4	69,6
Médio	41,1	1,0	12,1	27,0	40,6	22,9
NÃO TRABALHAVAM	11,2	8,6	13,4	6,4	6,0	7,5
T O T A L	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Os médicos, com pouca alteração relativamente ao trabalho após a conclusão do curso, e os químicos, conservaram a posição de supremacia que já possuíam: três quartos do número destes e mais de 90% daqueles desempenhavam funções classificadas no nível hierárquico superior. A esses profissionais somam-se, agora, os educadores com dois terços no grupo mais elevado de ocupações. Por outro lado, ainda são visíveis grandes proporções de biólogos e administradores em ocupações de nível médio, e de biólogos (novamente) e químicos que não trabalhavam ou desempenhavam ocupações mal definidas. Se estes últimos puderam ser definidos como não ocupados a taxa de desemprego permanece praticamente a mesma quer se trate da ocupação logo após o curso ou da ocupação atual.

A maioria dos biólogos, conforme se viu, é oriunda de cursos diurnos em escolas particulares, enquanto a maioria dos administradores, de cursos noturnos também de escolas particulares. Se existe a suposição de excelência quanto a cursos diurnos de escolas públicas, no caso dessas duas carreiras tem-se alguma comprovação de não excelência ao menos para os administradores. Mesmo assim, a proporção dos graduados de Administração que almejaram passar para empregos ou ocupações de nível superior é bastante superior aos dos que realizaram seus cursos durante o dia.

Comparativamente aos de Administração, os graduados de Biologia são mais jovens, concentram o maior número de mulheres e de solteiros, possuem pais e mães relativamente mais instruídos, tiveram praticamente a mesma promoção intergeracional, realizaram mais cursos de pós-graduação, especialmente mestrados e doutorados e, conforme já foi assinalado, realizaram a maior parte de seus estudos de graduação em cursos diurnos, sendo uma grande parte deles em escolas públicas. Daí que fatores muito mais ligados à demanda do que à oferta de biólogos devem ter contribuído para que apenas 24% dos graduados de Biologia tenham sido "promovidos" para ocupações de nível superior, contra 76% dos médicos, 48% dos químicos, 40% dos educadores, e 28% dos administradores.

TIPO DE INSTITUIÇÃO E SETOR DE ATIVIDADE

Mais da metade dos graduados das cinco áreas desempenham suas ocupações nos governos federal, estaduais e municipais, com predominância dos biólogos, químicos e educadores nos governos estaduais e em atividades ligadas ao ensino de 1º e 2º graus:

% sobre o total da amostra

ÁREAS	INSTITUIÇÃO				ATIVIDADE			
	GOV. FED.	GOV. EST. E MUNICIPAL	EMER. PUBL.	EMPR. PRIV.	ATIV. AGROP. E INDUSTRIAL	ATIV. SCOL. E ADM. PUBL.	ENSINO 1º e 2º GRAUS	ENSINO SUPERIOR
BIOLOGIA	14,7	45,0	3,3	14,7	5,6	7,6	48,3	8,6
MEDICINA	29,3	25,7	3,5	14,9	0,2	82,2	1,2	4,7
QUÍMICA	14,3	36,4	4,3	25,1	17,3	3,0	30,3	17,8
EDUCAÇÃO	6,5	67,4	2,2	8,9	1,1	4,6	67,9	5,7
ADMINISTRAÇÃO	10,7	11,5	18,1	42,4	26,7	13,7	2,4	3,6

As empresas públicas empregam uma proporção razoável de administradores, enquanto as empresas privadas dão emprego a um quarto dos químicos e a 42,4% dos administradores. Quanto ao setor de atividade, coerentemente, a agropecuária e a indústria absorvem 17,3% dos químicos e 26,7% dos administradores.

RELAÇÃO DO TRABALHO COM O CURSO

A maioria dos graduados acusou um grande relacionamento do trabalho atual com o curso realizado, com destaque para os médicos (89,2%), educadores (74,5%) e químicos (71,5%).

Relação do trabalho com o curso-% das respostas

	POUCO OU NADA RELACIONADO	MUITO/BASTANTE RELACIONADO
BIOLOGIA	25,9	59,6
MEDICINA	3,3	89,2
QUÍMICA	16,6	71,5
EDUCAÇÃO	15,2	74,5
ADMINISTRAÇÃO	23,5	69,1

Mesmo assim, nas outras duas carreiras, a regra é a execução de trabalhos de alguma forma relacionados com o curso de graduação: somente um número significativo de biólogos respondeu que o trabalho que executavam não tinha relação com os conhecimentos adquiridos em seu curso universitário.

REMUNERAÇÃO E HORAS DE TRABALHO

A distribuição dos graduados conforme o rendimento médio mensal^{12/} mostra a predominância dos ganhos de médicos e administradores, cerca de três vezes superiores, em média, à renda de químicos, biólogos e pedagogos:

^{12/} - A renda média da última classe em aberto e, por conseguinte, a renda média geral para os graduados de cada um dos cinco cursos foi obtida pela aplicação de uma função de distribuição de renda.

RENDIMENTO MÉDIO MENSAL
Setembro/1982 - Cr\$ 1,00

BIOLOGIA	163357
MEDICINA	544257
QUÍMICA	191701
EDUCAÇÃO	145981
ADMINISTRAÇÃO	523616

Em geral os rendimentos mostraram-se maiores para os graduados mais antigos^{13/} e do sexo masculino. As mulheres ganham menos até nas carreiras onde constituem a quase totalidade das pessoas como educação e biologia. De qualquer forma, entre as cinco áreas pesquisadas, existe uma maior concentração de profissionais mal remunerados nas carreiras que possuem grandes contingentes de pessoas precipuamente vinculadas ao magistério de primeiro e segundo graus.

Se se admite como sendo de cinco salários mínimos a menor remuneração para graduados de nível superior, uma espécie de piso salarial, então seriam sub-remunerados (subempregados no conceito de subemprego invisível ou desemprego disfarçado) cerca de um terço dos educadores e biólogos:

	% de Graduados com Rendimento Mensal Superior a 5 Salários-Mínimos.		
	<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>	<u>Total</u>
BIOLOGIA	84,9	65,8	69,8
MEDICINA	92,3	78,7	87,9
QUÍMICA	84,2	66,3	75,4
EDUCAÇÃO	75,4	63,3	64,1
ADMINISTRAÇÃO	93,7	75,1	88,9

^{13/} - Dados não apresentados.

Ainda como subempregados em termos de renda ter-se-ia um quarto dos pedagogos do sexo masculino, embora contingentes bem mais expressivos de mulheres de todos os cursos. Por outro lado, entre os médicos e os administradores, mesmo entre os do sexo feminino, a proporção de subempregados é mais modesta: cerca de 12%, em média, dos graduados de Medicina e Administração ganham menos de cinco salários mínimos por mês.

Em termos de horas trabalhadas, outra forma objetiva de se medir a subutilização da força de trabalho, os resultados são semelhantes, pois aproximadamente um terço dos biólogos e pedagogos trabalham menos de 40 horas por semana:

% de Graduados que Trabalham
Menos de 40 horas por Semana

BIOLOGIA	31,4
MEDICINA	17,5
QUÍMICA	21,8
EDUCAÇÃO	36,6
ADMINISTRAÇÃO	7,9

Os graduados de Química, que representam o terceiro contingente de subempregados em termos de rendimentos, também o são em horas trabalhadas, no conceito de subemprego visível. Médicos e administradores são, por fim, os menos subutilizados também em termos de horas de trabalho.

Entretanto, conforme se verá a seguir, na aceção dos graduados (conceito subjetivo), os mais subempregados são os médicos, os biólogos, e os administradores. Com exceção dos biólogos, portanto, os resultados obtidos através da questão subjetiva

de subemprego são opostos aos vistos acima. Isso não chega a ser surpreendente já que, subjetivamente, a subutilização resulta de cotejamento entre as expectativas como universitários e a realidade do mercado de trabalho. Nesse sentido, quanto "melhor treinados", mais subempregados ou subutilizados se sentirão no mundo do trabalho.

3.4. Desemprego, Subemprego e Discriminação

Conforme já foi visto anteriormente, é muito pequena a proporção de graduados de nível superior que não têm qualquer tipo de atividade econômica. Desses, que não trabalham, um número expressivo, certamente incluindo mulheres dedicadas às atividades domésticas, também não procura trabalho.

Dessa forma, conforme se esperava, a questão do desemprego aberto para graduados de nível superior não tem a importância que o grau de utilização, no mercado de trabalho, dos conhecimentos adquiridos na universidade. Mesmo em se considerando a procura de trabalho por tempo superior a seis meses, ainda assim o desemprego somente seria relevante para biólogos e químicos:

	<u>% sobre o total da amostra</u>				
	<u>Desemprego</u>				<u>Subemprego</u>
	<u>A₁</u>	<u>A₂</u>	<u>B₁</u>	<u>B₂</u>	<u>C</u>
BIOLOGIA	2,2	11,0	8,3	6,2	29,5
MEDICINA	1,4	2,0	2,2	0,5	38,7
QUÍMICA	1,2	8,2	6,1	8,2	22,6
EDUCAÇÃO	1,0	1,9	1,8	0,9	21,8
ADMINISTRAÇÃO	1,3	1,6	2,7	1,5	27,9

A₁ = pessoas que procuram trabalho há menos de 6 meses.

A₂ = pessoas que procuram trabalho há mais de 6 meses

B_1 = pessoas que consideram pouco atraentes os empregos disponíveis, pessoas que não trabalham porque os empregos disponíveis exigem mudança de cidade, e pessoas que foram despedidas de seus empregos.

B_2 = pessoas que, por causa da idade, sexo ou falta de experiência foram ou acham que seriam rejeitadas no mercado de trabalho.

C = pessoas que responderam afirmativamente ao quesito 4 da questão 30: "dada minha formação e experiência considero-me 'subempregado' ou 'subutilizado' no meu trabalho".

Para biólogos e químicos também foram relevantes os dois outros indicadores de desemprego: os que não trabalham porque os empregos disponíveis não são atraentes ou encontram-se em outras cidades, e os que não estão trabalhando por discriminação real ou presumida, no mercado de trabalho.

Quanto ao subemprego, na avaliação subjetiva conforme acima especificado, médicos, biólogos e administradores consideraram-se muito mais subutilizados do que os químicos e os educadores. Mesmo assim, a proporção destes foi bastante grande, de mais de 20% dos informantes.

Entretanto, os graduados que se consideram mais subempregados ou subutilizados, conforme já se adiantou são os mais preparados em termos educacionais tais como os graduados de universidades públicas, os que estudaram em turno diurno, os que realizaram outro curso universitário, e os que possuem algum tipo de curso de especialização ou de pós-graduação (Tabela 7).

Apenas no caso de pedagogos que estudaram em turno diurno essa regra não se aplica. Mesmo assim, a diferença entre as proporções de educadores subempregados de turnos diurno e noturno é desprezível. Daí se poder afirmar que relativamente à

SUBSIDIÁRIO EM DESEMPENHO DE NÍVEL SUPERIOR SUPOSTO DIVERSAS CARACTERÍSTICAS, POR CURSO

- Percentagem sobre o total da amostra -

DISCRIMINAÇÃO	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
INSTITUIÇÃO DA GRADUAÇÃO					
Universidade Pública	37,7	45,2	36,7	33,9	42,6
Universidade Particular	32,7	37,9	11,3	21,8	31,3
Escola Isolada Particular	19,6	34,4	-	13,0	21,4
TURNO FREQUENTADO					
Diurno	34,5	43,5	27,9	23,7	36,3
Noturno	25,7	18,2	27,3	26,2	32,6
OUTROS CURSOS UNIVERSITÁRIOS					
Realizaram	35,0	44,1	27,6	27,8	31,6
Não Realizaram	27,5	40,5	20,6	19,8	24,9
CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO					
Realizaram	36,7	43,4	30,8	27,6	30,9
Não Realizaram	27,4	40,7	20,9	19,5	25,4
CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO					
Realizaram	28,9	43,2	27,6	22,2	35,7
Não Realizaram	28,4	40,2	20,0	21,2	24,8
CURSOS DE MESTRADO					
Realizaram	35,5	43,2	25,0	21,4	54,5
Não Realizaram	27,6	40,5	21,3	20,4	24,6
CURSOS DE DOUTORADO					
Realizaram	20,0	35,3	-	30,0	25,0
Não Realizaram	27,8	40,6	21,0	20,2	25,0
RELAÇÃO TRABALHO/CURSO SUPERIOR REALIZADO					
Pouco ou Nada Relacionados	56,8	64,1	50,0	41,4	49,3
Muito ou Bastante Relacionados	25,5	43,4	26,0	21,7	26,8
NÍVEL OCUPACIONAL					
Superior	24,4	44,9	30,2	18,7	30,0
Médio	34,2	32,4	26,8	24,8	34,1
INSTITUIÇÃO ONDE TRABALHA					
Governo e Empresas Públicas e Privadas Grandes	32,3	46,8	30,6	25,5	35,0
Empresas Públicas e Privadas Pequenas	50,0	48,9	75,0	20,0	24,7
Autônomo	66,7	31,9	25,0	28,6	28,0
SETOR DE ATIVIDADE					
Setores Produtores de Bens	40,7	33,3	47,6	36,4	31,4
Serviços Sociais, Crédito e Administração Pública	31,4	50,0	24,4	24,8	33,3
Comércio e Outros Serviços	50,0	43,8	44,4	26,9	32,9
HORAS DE TRABALHO					
15 a 39 horas	38,1	52,5	35,3	28,6	42,0
40 e mais horas	30,8	41,6	25,6	22,4	32,5
RENDIMENTO MENSAL					
Até 5 salários-mínimos	38,3	61,6	39,4	33,4	66,9
Mais de 5 salários-mínimos	31,3	41,2	29,6	20,6	29,5
TEMPO DE SERVIÇO					
Até 1 ano	45,1	53,7	68,7	33,8	43,2
Mais de 1 ano	33,2	41,9	24,6	24,7	32,6

formação dos graduados o subemprego assinalado reflete a falta de oportunidades para utilização dos conhecimentos adquiridos na escola, apesar do nível aparentemente satisfatório de renda dos médicos e administradores.

Relativamente aos fatores atinentes ao trabalho que têm, as maiores proporções de subempregados correspondem aos graduados que declararam terem trabalho pouco relacionado com o curso que realizaram; aos que trabalham menos de 40 horas por semana; aos que recebem menos de cinco salários mínimos por mês; e aos que têm menos de um ano de serviço no emprego atual ou mais recente.

Consideram-se ainda relativamente mais subempregados os graduados de Medicina e Química com ocupações de nível superior e que trabalham em empresas pequenas; os egressos de Biologia, Educação e Administração com ocupações de nível hierárquico médio; e os que trabalham nos setores produtivos de produtos e egressos de Química e Educação.

Tratando-se de um conceito subjetivo, baseado na avaliação que o graduado faz do uso dos seus conhecimentos na execução das tarefas no emprego que ocupa, os resultados apresentados em termos de horas trabalhadas, renda auferida e tempo de serviço parecem confirmar a suspeita anteriormente formulada de que o subemprego assinalado pelos graduados de todos os cursos tem relação com a experiência profissional e mais com a formação educacional dos egressos do ensino superior.

3.5. Grau de Satisfação e Subemprego

Entre diversos aspectos sobre os quais os graduados de nível superior manifestaram seu grau de satisfação, destacam-se o tempo que dispõem para dedicar à família e às atividades de lazer, bem como a qualidade do lazer que usufruem como aspectos negativos. Uma grande proporção de graduados dos cinco cursos constitui-se de insatisfeitos com esses aspectos:

Proporção de graduados que se declararam insatisfeitos e pouco satisfeitos em relação a diversos aspectos (percentagens sobre o total de graduados da amostra).

ASPECTOS	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
Vida em geral	30,7	28,7	33,8	20,3	20,4
Vida familiar	12,7	8,8	12,9	8,3	7,0
Qualidade das atividades de lazer	42,4	48,7	41,7	41,9	38,0
Quantidade de tempo para atividades de lazer	50,3	64,1	50,6	55,6	51,7
Quantidade de tempo para dedicação à família	43,5	55,1	43,9	42,7	41,2
Cidade onde mora	32,7	29,3	28,1	18,4	21,9
Perspectiva de vida	39,3	40,4	35,5	23,4	25,5

Menores são as proporções, em todas as carreiras, de insatisfeitos com aspectos da vida em geral, cidade onde mora e perspectivas de vida. Menos ainda insatisfeitos estão com a vida familiar. Coerentemente com o número de horas trabalhadas, os médicos são os menos satisfeitos com o tempo disponível para o lazer e a família.

Cerca de um terço dos graduados de Química, um pouco menos dos de Biologia, Administração e Medicina, e menos ainda dos de Educação declararam-se insatisfeitos e pouco satisfeitos com o curso realizado na universidade.

À exceção dos educadores, os graduados em anos recen-

tes nos demais cursos tendem a declarar-se menos satisfeitos:

Proporção de graduados que se declararam insatisfeitos e pouco satisfeitos com o curso realizado na universidade por cursos e ano de formado (percentagem sobre o total de graduados da amostra).

ANO DE FORMADO	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
1972	31,9	21,2	27,6	20,1	27,6
1975	19,5	28,7	23,7	21,1	28,2
1978	33,1	29,7	35,9	17,8	32,9
1980	35,1	29,6	41,2	21,1	32,0
TOTAL	30,9	29,3	35,1	20,0	30,8

Em que pesem os problemas de memória para os informantes avaliarem cursos realizados sete ou dez anos antes (1972 e 1975), é possível que tais resultados estejam de alguma forma relacionados com a alegada queda da qualidade do ensino e com a retração do mercado de trabalho devida à recessão econômica no momento da pesquisa (1983).

Pouca relação existiria, ainda, entre a satisfação com o curso e o subemprego ou subutilização no mercado de trabalho: os médicos, que apresentaram as maiores proporções de subempregados, são tão insatisfeitos com o seu curso de graduação como os biólogos e administradores; são menos insatisfeitos que os químicos, embora mais insatisfeitos que os educadores. Daí ter-se a impressão de que o subemprego de graduados tenha muito mais a ver com as expectativas otimistas, embora irreais, existentes antes da graduação e alimentadas durante o curso por um currículo acadêmico e autôgeno. Mas essas expectativas tenderiam a se frustrarem quando o graduado se defronta com um mercado de trabalho pouco receptivo aos conhecimentos adquiridos nos bancos escolares, quando não em retração como nos últimos anos.

Com relação ao emprego atual ou mais recente, a avaliação dos graduados mostrou predominância de aspectos negativos¹⁴ para os egressos de Biologia e Administração. Tais aspectos, que incluem considerações dos graduados sobre si relativamente aos colegas de tra-

¹⁴ Inclui as seguintes alternativas: pessoas com escolaridade menor que a minha estão trabalhando em emprego igual ao meu; pessoas com escolaridade menor que a minha estariam aptas a ter o mesmo emprego que tenho; dada minha formação e experiência considero-me "subempregado" ou "subutilizado" no meu trabalho; tenho habilidades necessárias para desempenhar funções mais complexas que as que exerço atualmente.

balho e sobre as tarefas desenvolvidas no emprego, foram menos assinalados por químicos e educadores, e muito menos ainda pelos médicos.

Aspectos considerados negativos sobre o emprego atual ou mais recente (percentagem em relação ao total de respostas).

BIOLOGIA	54,7
MEDICINA	40,2
QUÍMICA	48,3
EDUCAÇÃO	49,9
ADMINISTRAÇÃO	59,6

Entre os médicos, conforme se esperava, foi pequeno o número de respostas relacionadas à escolaridade (duas primeiras alternativas das listadas). Os graduados de medicina são, conforme se viu, os que mais se consideram subocupados ou subutilizados no emprego que têm.

Esse tipo de subocupação, avaliada de forma subjetiva, não se confunde com a subutilização econômica de toda a força de trabalho em termos de horas de trabalho e renda auferida, porque os médicos são os que trabalham maior número de horas por semana e os que, ao lado dos administradores, declararam terem os maiores níveis de rendimentos mensais.

Além disso, tendo como referências a formação e a experiência do graduado, a percepção do subemprego tenderia a ser mais marcante para os graduados antigos devido à sua maior experiência na carreira. Por outro lado, além dos lapsos de memória que poderiam prejudicar a avaliação do curso para esses graduados mais antigos, é possível que as alterações das condições do mercado de trabalho nos últimos anos tenham causado o aumento da subocupação para os graduados igualmente em anos mais recentes: é sempre maior a proporção dos subempregados entre os formados em 1978 e 1980, relativamente aos de 1972 e 1975, com exceção apenas dos graduados de Biologia:

Subemprego de graduados por ano de formado e cursos (percentagens sobre o total de informantes).

ANO DE FORMADO	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
1972	37,0	33,7	13,8	14,5	21,0
1975	36,0	38,2	15,8	18,6	21,2
1978	29,6	40,2	23,8	24,1	31,6
1980	24,0	41,7	27,5	24,5	32,4
T O T A L	29,5	38,7	22,6	21,8	27,9

A resultados semelhantes chegaram VELLOSO e BASTOS em estudo sobre graduados em Brasília dos anos de 1972/75 e 1978 das carreiras de Economia, Administração, Direito e Pedagogia: ao menos para administradores e bacharéis em Direito, o subemprego aumenta consideravelmente quando se passa da coorte de 1972/75 para a de 1978¹⁵.

Embora não tenham se baseado num mesmo tipo de questionário que o utilizado na pesquisa CAPES/INEP ora analisada, o texto de VELLOSO e BASTOS aponta para as oscilações na atividade econômica no período 1972-1980 como agravantes do subemprego entre os graduados de anos mais recentes.

Na pesquisa CAPES/INEP, a discriminação do subemprego por sexo ¹⁶ mostra que ele seria maior para mulheres de Medicina e Administração, carreiras onde a proporção de graduadas, embora crescente, ainda é relativamente pequena no conjunto da amostra de todos os anos. Seriam, portanto, atividades onde as pessoas do sexo feminino se sentem mais discriminadas, comparativamente às carreiras de biólogos, químicos e educadores.

Outra forma de verificar as condições de trabalho dos graduados é comparar o tempo que teriam levado para conseguir o primeiro emprego após a conclusão do curso: conforme se depreende dos dados, em todas as carreiras há uma tendência a demorar-se mais de um ano para conseguir o primeiro emprego entre os graduados mais recentes, em que pese a maior demora assinalada pelo total de egressos de Biologia, Medicina e Química.

¹⁵ J. Velloso e V. Bastos, "Ensino Superior e Subemprego: Um estudo de caso em Brasília", 19 Encontro Nacional da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, Brasília, 1984.

¹⁶ Dados não apresentados.

Percentagens dos que demoraram mais de um ano para conseguir o primeiro trabalho após a conclusão do curso universitário, segundo o ano de formação e o curso.

ANO DE FORMADO	BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
1972	7,0	12,2	3,6	7,3	1,5
1975	13,9	12,8	5,3	4,5	3,2
1978	16,1	15,7	13,3	5,8	4,4
1980	18,5	13,3	20,8	6,1	2,7
T O T A L	15,6	13,5	13,1	5,7	3,1

Entretanto, é bastante elevada, principalmente entre os homens, a proporção dos graduados que mudaram de emprego após a conclusão do curso universitário: mais ou menos a metade dos graduados do sexo masculino de 1972 e 1975 nas áreas de Biologia, Química e Administração mudaram de emprego depois do curso universitário. Cerca de 30% dos homens de Medicina e Educação assim como das mulheres de todos os cursos, graduados em 1972/75, também trocaram de emprego após a realização do curso de graduação.

Na avaliação de aspectos diversos relacionados ao emprego atual ou mais recente, a maioria dos graduados apontou como positivos o relacionamento pessoal, a estabilidade no emprego, e a oportunidade de atuar com criatividade. Poucos consideraram importante, por outro lado, os aspectos normalmente associados aos melhores empregos da hierarquia ocupacional como condições de trabalho, variedade de atividades e prestígio da instituição. Da mesma forma, foi pequeno o número de respostas ao item "oportunidade de utilizar os conhecimentos adquiridos na universidade", com exceção das respostas dos graduados de Medicina. Estes são, conforme se viu, os menos satisfeitos com a qualidade e quantidade de atividades de lazer que têm, com a quantidade de tempo que dedicam à família, e com as perspectivas de vida.

Apesar de não serem os mais insatisfeitos com o curso realizado, os médicos foram os que mais se declararam subempregados em termos de sua educação e experiência. Conforme se viu, também,

Percentagem de graduados que não mudaram de emprego após a conclusão do curso universitário por sexo e ano de formado, segundo o curso.

SEXO E ANO DE FORMADO		C U R S O				
		BIOLOGIA	MEDICINA	QUÍMICA	EDUCAÇÃO	ADMINISTRAÇÃO
HOMENS	1972	42,9	70,5	50,0	53,8	48,7
	1975	47,8	67,8	53,3	77,1	57,1
	1978	78,4	72,6	68,8	81,4	71,8
	1980	87,0	72,8	80,6	84,8	78,1
	1972/75	45,9	69,1	51,4	70,8	53,6
MULHERES	1972	76,7	64,3	62,5	64,1	55,0
	1975	68,6	74,1	78,3	77,3	65,9
	1978	79,1	71,2	63,0	83,4	73,4
	1980	79,7	81,2	79,5	85,6	80,6
	1972/75	70,7	70,7	74,2	73,4	62,6

Alguns aspectos do emprego atual ou mais recente em relação aos quais os graduados se declararam muito satisfeitos (alternativas mais importantes) em percentagens sobre o total de declarações segundo o curso e sexo.

ASPECTOS CONSIDERADOS IMPORTANTES	C U R S O S														
	BIOLOGIA			MEDICINA			QUÍMICA			EDUCAÇÃO			ADMINISTRAÇÃO		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Condições de trabalho	9,8	10,0	10,0	4,0	5,8	4,6	3,9	13,8	8,2	6,4	7,6	7,6	5,7	7,4	6,1
Prestígio da Instituição	16,4	5,9	8,2	9,1	4,6	7,8	9,2	1,7	6,0	8,5	4,9	5,1	9,7	6,7	8,9
Variedade de atividades	6,6	5,0	5,3	4,9	5,8	5,1	3,9	8,6	6,0	9,6	7,3	7,4	9,9	9,7	9,8
Relacionamento pessoal	16,4	21,4	20,3	14,3	20,3	16,1	17,1	22,4	19,4	14,9	25,4	24,7	9,9	16,1	11,4
Estabilidade no emprego	8,2	18,6	16,4	13,7	14,5	13,9	15,8	20,7	17,9	12,8	19,1	18,7	17,7	27,9	20,2
Oportunidade de atuar com criatividade	18,0	15,5	16,0	8,8	7,6	8,4	23,7	6,9	16,4	20,2	14,7	15,0	16,0	7,0	13,8
Oportunidade de utilizar os conhecimentos adquiridos na universidade	4,9	6,8	6,4	14,3	18,5	15,5	2,6	10,3	6,0	9,6	6,2	6,4	2,8	4,7	3,3
Autonomia, independência	6,6	5,9	6,0	17,7	10,7	15,6	10,5	6,9	9,0	7,4	3,8	4,0	12,6	7,0	11,2
Outros aspectos	13,1	10,9	11,4	13,2	12,2	13,0	13,3	8,7	11,1	10,6	11,0	11,0	15,7	13,5	15,3

o subemprego associado por todos os graduados compara-se muito mais com a formação educacional dos egressos do ensino superior pesquisados.

4. SÍNTESE E CONCLUSÃO

O crescimento de número de graduados em todos os níveis de instrução e, particularmente, no ensino superior, a taxas bastante superiores ao aumento da população economicamente ativa e da renda real per capita dos brasileiros nos vinte anos terminados em 1980 representa uma evidência de excesso de oferta educacional em relação à demanda de mão-de-obra pelo mercado de trabalho. Outra evidência de que estaria existindo no Brasil o que se convencionou chamar de supereducação é o fato de que aumentou nos anos sessenta e setenta a proporção dos graduados do ensino superior que desempenham ocupações de nível médio e inferior.

Na caracterização da amostra CAPES/INEP de egressos do ensino superior, entretanto, observa-se uma grande mobilidade intergeracional ascendente no caso de químicos e médicos, alguma mobilidade quanto a educadores e biólogos, e imobilidade entre gerações apenas no caso de administradores. Em outro tipo de informação, notou-se que os graduados dos cursos de Educação e Administração com pais ocupando cargos de nível superior têm maior probabilidade de exercerem, também, cargos de nível hierárquico superior. De outro modo, isso significa que os egressos de Química, Medicina e Biologia têm as maiores chances de verem recompensados seus esforços educacionais ocupando os cargos superiores da hierarquia ocupacional, independentemente da posição social de seus pais. São, portanto, carreiras nas quais as oportunidades econômicas são mais democratizadas, independentemente também, do nível da escolaridade dos pais e das mães dos graduados, mas certamente como resultado da expansão da demanda de profissionais de nível superior até o final dos anos setenta.

Além do crescimento econômico e da concentração de rendas nos últimos trinta anos, explicaria ainda a mobilidade intergeracional fatores de oferta como o curso, o tipo de escola e o turno frequentados, e a oportunidade para realizar cursos de especialização ou de pós-graduação.

Quanto à trajetória entre a escola e o trabalho, quase todos os graduados alegaram razões ligadas ao mercado de trabalho para frequentarem os cursos universitários. Educadores e Administradores, com grandes contingentes oriundos de escolas particulares e turnos noturnos, afirmaram terem feito seus cursos superiores por já exercerem, anteriormente, atividades relacionadas. Quase todos os egressos de Educação e Administração executaram trabalho de natureza econômica durante o curso, ao contrário de médicos, químicos e biólogos.

Mais da metade dos graduados de todas as cinco carreiras realizou algum outro tipo de curso, notadamente cursos de aperfeiçoamento e especialização frequentados por grande parte dos médicos. Biólogos foram dos que mais realizaram cursos de mestrado e doutorado, enquanto educadores e administradores concluíram outro curso universitário.

Graduados mais recentes demoraram mais tempo para encontrar o primeiro trabalho após o curso, notadamente no caso de biólogos, médicos e químicos. Esses primeiros trabalhos após a conclusão do curso superior ainda eram de nível hierárquico médio para muitos biólogos, educadores e administradores, mostrando a dificuldade para obterem promoção ou mudança para um emprego de nível superior para o qual haviam se preparado.

Uma grande parte desses educadores e administradores já apresentam como seu emprego atual ou mais recente cargos de nível superior. Fatores possivelmente ligados à demanda de biólogos fazem com que para muitos destes aquela promoção não se realize.

Os graduados de Biologia, Química e Educação trabalham nos governos estaduais e municipais em atividade de ensino de primeiro e segundo graus. A maioria dos graduados, notadamente médicos, educadores e químicos, respondeu que seu trabalho atual relaciona-se com o curso frequentado. Médicos e administradores têm renda três vezes superior à dos demais graduados. Os rendimentos são ainda maiores para os graduados mais antigos e do sexo masculino. Seriam, por outro lado, sub-remunerados cerca de um terço dos educadores e biólogos que ganham menos de cinco salários mínimos por mês. São também sub-remuneradas, nesse conceito, cerca de um terço das biólogas, químicas e pedagogas, e um quarto das médicas e administradoras. A subutilização por horas de trabalho também destaca biólogos

e pedagogos: um terço deles trabalha menos de quarenta horas por semana.

O desemprego aberto somente é relevante para biólogos e químicos, e mesmo assim se forem consideradas as pessoas que procuram trabalho há mais de seis meses. A discriminação no mercado de trabalho, por sexo ou idade, também só é relevante para os graduados de Biologia e Química. O subemprego, entretanto, foi mais assinalado por médicos, biólogos e administradores, assim como por graduados das cinco carreiras de universidades públicas, de cursos diurnos, que realizaram outros cursos universitários e cursos de especialização ou de pós-graduação. Isto é, o subemprego, na forma subjetiva adotada nesta pesquisa, reflete a falta de oportunidade para utilizar os conhecimentos adquiridos nos melhores bancos escolares.

Relativamente aos aspectos do trabalho que têm, os que se consideram mais subempregados ou subutilizados estão entre os que declararam terem trabalho pouco relacionado com o curso, os que trabalham menos de quarenta horas por semana, os que ganham menos de cinco salários mínimos por mês, e os que têm menos de um ano de serviço no emprego atual. Consideram-se ainda mais subempregados os graduados de Medicina e Química com ocupações de nível superior e os de Biologia, Educação e Administração com ocupações de nível médio.

Menos de um terço dos graduados, notadamente de anos recentes, manifestaram-se insatisfeitos e pouco satisfeitos com o curso realizado na universidade. A alegada queda da qualidade do ensino e a retração do mercado de trabalho no momento da pesquisa (1983) podem estar influenciando essa avaliação. Existe, contudo, pouca relação entre o grau de satisfação com o curso realizado e a condição de subemprego. Este teria muito mais a ver com as expectativas alimentadas durante o curso por um currículo academicista e autôgeno e procedimentos escolares distanciados da realidade do mundo do trabalho.

Dessa forma, o desemprego e o subemprego de graduados têm alguma possibilidade de solução não apenas com a reativação da atividade econômica, mas também em função de uma reorientação dos procedimentos governamentais na política do ensino superior. O financiamento educacional teria que privilegiar as regiões e as carreiras ainda não adequadamente atendidas ou que venham a surgir com a superação da crise e a retomada do processo de desenvolvimento econômico e social. A rediscussão dos objetivos da pós-graduação teria que le-

var em conta sua finalidade de preparação para a pesquisa e o magistério e não como nível complementar ou supridor de carências da graduação. Haverá que lutar-se pela democratização das oportunidades educacionais e econômicas paralelamente ao movimento de toda a sociedade na direção de uma democracia mais justa e participativa, sem deixar de velar pela melhoria da qualidade do ensino não apenas nas escolas públicas e privadas de nível superior, como também nos níveis intermediários e básicos da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anais da 1ª Conferência Brasileira de Educação, ANDE, Cortez Editora, São Paulo, 1981.
- CASTRO, Cláudio M. et alii, Custos e Determinantes da Educação: o caso de Brasília, Programa ECIEL, Rio de Janeiro, 1978, mimeo.
- Educação e Trabalho, Coleção Universidade e Indústria, Monografias, Instituto Euvaldo Lodi, CNI, 1981.
- GOMES, Cândido, Educação e Trabalho: a perspectiva sociológica, PUC/RJ, 1985, mimeo.
- Grupo Especial MEC-CNRH-PNUD, Análise dos Principais Problemas da Educação Brasileira, Volume II, Brasília, novembro/1978.
- MEC/SG, Retrato Brasil: Educação - Cultura - Desporto, 1970-1990, Volume I, Brasília, 1984.
- SOLMON, Lewis C. & Ochsner, Nancy L., College Education and Employment... the recent graduates, Bethlehem, PA, CPC Foundation, 1979.
- & Pereira, Antônio G., "Universidade e Trabalho nos EUA", Forum Educacional, ano 4, número 3, Jul/set 1980, págs. 45-77.
- SPAGNOLO, Fernando, A Pesquisa "Mercado de Trabalho para Egressos do Ensino Superior" - Metodologia, CAPES/MEC, 1985, mimeo.
- , Caracterização do Aluno de Ensino Superior, CAPES/MEC, 1985, mimeo.
- VELLOSO, Jacques, Educação, Ensino Superior e Trabalho, Departamento de Educação, UnB, Brasília, 1985, mimeo.
- & Bastos, Vera, Ensino Superior e Subemprego: um estudo de caso em Brasília, 1º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, Brasília, 1984.
- XAVIER, Antônio C.R. & Tramontin, Raulino, "Perspectivas do Ensino Superior no Sistema Educacional Brasileiro", Segundo Seminário Internacional de Pesquisa Institucional, CENTAU/UNI-CAMP, Natal, 1978, págs. 43-59.

EDUCAÇÃO SUPERIOR E TRABALHO: Avaliação das Condições
de Trabalho de Graduados em Carreiras Seleccionadas

Ismael Carlos Oliveira.
CNRH/PLAN/IPEA
Abril, 1985